

# Voluntários é que garantem o bem-estar dos pacientes

Marcella Oliveira

Dedicar cinco horas da semana para o trabalho voluntário faz parte da rotina das 90 pessoas que participam do Serviço Auxiliar de Voluntários (SAV) do Hospital de Base do DF. Cortar cabelo, fazer barba, conversar, ensinar artesanato e dar comida a pacientes são algumas das atividades realizadas por elas: ações simples que ajudam no bem-estar dos pacientes e servem como lição de vida para os voluntários.

O SAV é uma instituição sem fins lucrativos que auxilia o Hospital de Base desde dezembro de 1981, tentando diminuir o sofrimento dos pacientes e de seus acompanhantes. Os 90 voluntários são divididos em várias unidades do hospital, de acordo com o perfil de cada um.

Os voluntários fazem o que os médicos e enfermeiros não têm tempo para fazer, devido a grande demanda de pacientes. Uma reunião com a equipe médica define o papel de cada grupo com os pacientes. A presidente da instituição, Maria Tereza Cunha, é terapeuta e tem 51 anos, 12 deles dedicados ao voluntariado no hospital. Segundo ela, o trabalho se norteia em função do que os pacientes precisam.

Na psiquiatria, o voluntariado trabalha com estímulo a desenhos, conversas e brincadeiras. De acordo com Maria Tereza, os pacientes se sentem valorizados e capazes de fazer alguma coisa. Já na neurocirurgia, como boa parte dos pacientes depende de alguém para as atividades do dia a dia, é necessário ajuda para dar

as refeições, fazer barba, cortar cabelo e unha.

— Se não houver um voluntário para ajudar, ele corre o risco de ficar sem café da manhã. E precisa ter paciência, pois a gente demora de 30 a 40 minutos para ajudá-los nas refeições — conta Maria Tereza.

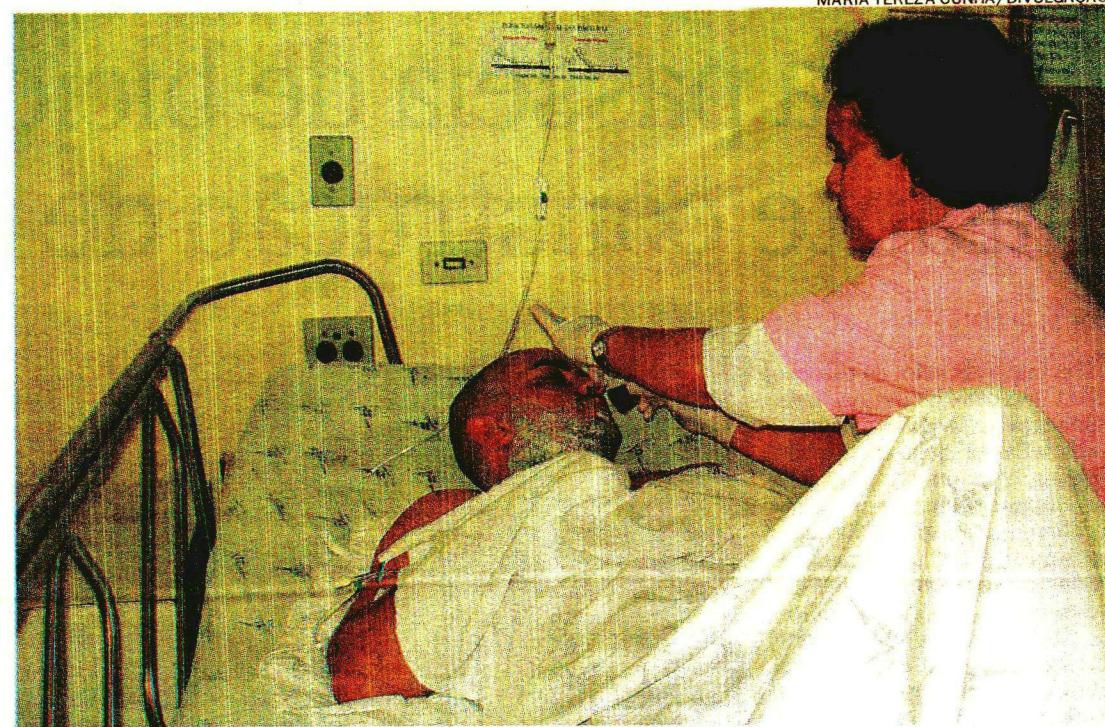
Na pediatria, o trabalho é feito em duas frentes. A primeira delas é um trabalho de apoio às mães, muitas delas ficam dias acompanhando seus filhos internados. As voluntárias ensinam artesanato, bordado e tricô, para ajudar a passar o tempo e ainda proporcionar

**“Conto histórias ou apenas converso com as crianças. Elas vibram com as brincadeiras e interagem com os bonecos”**

Amélia Mendes, voluntária

uma fonte de renda quando saírem de lá. A segunda frente de trabalho na pediatria é com as crianças. A voluntária Amélia Mendes, 43 anos, chega na unidade sempre com um fantoche, um boneco ou um livro.

— Faço um trabalho de forma lúdica. As crianças internadas têm dificuldades de conversar com as pessoas e os bonecos facilitam o diálogo. Conto histórias ou apenas converso com as crianças. Elas vibram com as brincadeiras e interagem com os bonecos — contou Amélia, que há sete anos é voluntária no grupo. — A



gente fica com uma visão mais humanista da vida e cada vez mais solidária — acrescentou.

Para os voluntários, trabalhar ajudando as pessoas é um privilégio. Primeiro, porque não tem patrão e ninguém mandando. Segundo, porque estão ali por prazer, por vontade própria e garantem que nunca tem ninguém de mau humor.

— A gente ainda economiza na terapia. Convivendo com a realidade de um hospital público, você descobre que não tem problema nenhum na sua vida. Você acha que trabalhar em um hospi-

tal vai te fragilizar, mas você vê as pessoas sorrindo e com esperança com qualquer pequena ação. Você sai de lá lá nutrida emocionalmente — garante a presidente do grupo.

O trabalho no Hospital de Base se limita a 90 voluntários, mas as vagas são rotativas e estão sempre precisando de alguém. Quem quiser ajudar, pode procurar o SAV. O único pré-requisito é muita disposição e paixão para o trabalho. O compromisso pedido é de duas manhãs ou tardes por semana, um total de cinco horas semanais.

Os voluntários cuidam das crianças, ajudam os doentes nas refeições, cuidam de suas roupas, cortam o cabelo e até ensinam artesanato, durante cinco horas por dia cada um

— Bimestralmente a gente faz uma avaliação e vê se alguém está faltando. Não pode faltar, tem que ser um trabalho comprometido. Os médicos, pacientes e enfermeiros estão contando com a gente naquele horário — disse Maria Tereza.

A ajuda ao SAV pode ser por meio de doações também. Além dos trabalhos de terapia, a instituição possui um bazar fixo, que vende objetos e roupas usadas a um preço baixo, verba que é revertida em necessidades dos pacientes, como cadeira de rodas, cobertor, shampoo, sabonete e chinelos.

— Aquilo que não te serve em casa, pode ser de grande utilidade para nós. Quem não puder levar a doação, a gente vai buscar. Qualquer ajuda é bem-vinda — pediu a voluntária.

Serviço Auxiliar de Voluntários (SAV) — Primeiro andar do Hospital de Base do DF. Funcionamento de segunda a sexta-feira, das 8h30 às 12h e das 14h às 17h. Quem quiser ajudar é só entrar em contato pelos telefones 3325-4601 e 3325-6594.